

## **LETRAMENTO: UMA EXPERIÊNCIA COM UM ALUNO COM SÍNDROME DE WILLIAMS EM UMA TURMA DE AEE NO MUNICÍPIO DE CAMALAÚ/PB**

Haveskill François Alves Rodrigues

*Faculdade Estratego (falecom.jp@estratego.com.br)*

A Constituição Federal em seu art. 205 determina que a educação no Brasil deve garantir o pleno desenvolvimento da pessoa. Do mesmo modo, no inciso I do art. 206, a Carta Magna determina a igualdade de condições de acesso e permanência na escola. No entanto, a aplicabilidade desses direitos quando se trata, principalmente, da educação oferecida na rede pública de ensino, permanece distante de sua eficácia, agravando-se em relação ao aluno com deficiência. Observa-se em muitas instituições de ensino que a garantia ao acesso tem se limitado ao oferecimento da vaga sem condições reais ao pleno desenvolvimento da pessoa com deficiência, resultando no que denominamos de “fracasso escolar”. Os motivos elencados para esta disparidade vão desde a falta de qualificação para lidar com a pessoa com deficiência à quantidade de alunos presentes em uma mesma turma. Contudo, percebe-se que o aluno deficiente permanece herdando as agruras de uma escola exclusivista que ainda precisa rever seus conceitos e desenvolver de forma mais ampla metodologias, instrumentos e ambientes de ensino que possibilitem que este público se desenvolva. O presente trabalho é o relato de uma experiência de alfabetização e letramento que vem sendo desenvolvida com um aluno diagnosticado com Síndrome de Williams-Beuren em uma turma de AEE do município de Camalaú-PB, e busca responder ao seguinte questionamento: que metodologias podem ser utilizadas durante o processo de alfabetização e letramento de um aluno com SWB? Desse modo, Objetivamos contribuir com outras pesquisas que se voltam à inclusão da pessoa com deficiência.

Palavras Chave: Alfabetização, Letramento, Síndrome de Williams.

## INTRODUÇÃO

A Constituição Federal em seu art. 205 determina que a educação no Brasil deve garantir o pleno desenvolvimento da pessoa. Do mesmo modo, no inciso I do art. 206, a Carta Magna determina a igualdade de condições de acesso e permanência na escola. Todavia, a aplicabilidade destes direitos ainda permanece distante de sua eficácia, agravando-se ainda mais quando se trata da educação inclusiva, concentrando-se, na maioria dos casos, ao oferecimento da vaga sem condições reais para que essa pessoa com deficiência possa plenamente desenvolver-se.

Segundo Gomes (2007, P.15) a escola ainda está presa ao conservadorismo, norteadas por mecanismos elitistas de promoção dos melhores alunos e contribuindo para aumentar o preconceito e a discriminação, incidindo negativamente sobre o desenvolvimento da pessoa com deficiência como afirmam Batista e Mantoan (2007, P.13), este ambiente pode fazê-la se sentir discriminada quando só destaca a sua deficiência ou pode acolher essa pessoa quando se transforma para atender às suas necessidades.

Partindo do princípio de que o conhecimento é um direito universal, são necessárias, segundo Batista e Mantoan (2007, p.17), “práticas escolares que permitam ao aluno aprender e ser reconhecidos e valorizados os conhecimentos que é capaz de produzir, segundo as suas possibilidades”, desse modo deve-se ocorrer o pleno desenvolvimento da alfabetização e letramento, conceituados por Soares (SOARES, 2003, [1995]:29, apud Rojo, 2009. p. 44), respectivamente como a capacidade de ler e escrever e como o uso social da leitura e da escrita.

Sobre a Síndrome de Williams ou Síndrome de Williams-Beuren (SW) é uma doença genética causada por uma deleção hemizigótica de múltiplos genes e que, segundo Gonzáles (2017. P. 3), pessoas acometidas pela mesma “têm hipersensibilidade auditiva [...]”, apresentam uma sensibilidade inata para a música. Dito isso, utilizamos para fins desta pesquisa, o letramento literário conceituado por Cosson (2006, apud Coelho, 2011) “como a prática social da leitura, sendo esta desenvolvida no ambiente escolar e realizada exclusivamente com textos literários”. Com base nesta afirmação, escolhemos o gênero literário Cordel para o desenvolvimento do letramento literário, além da inata musicalidade presente em sua poesia e pelo fato de, o município de Camalaú, localizado na região semiárida do Cariri Paraibano, ser berço de poetas e repentistas, proporcionando o enraizamento deste tipo de literatura na comunidade.

Diante do exposto, a presente pesquisa busca responder ao seguinte questionamento: que metodologias podem ser utilizadas durante o processo de alfabetização e letramento de um aluno com SWB? Objetivamos com este trabalho contribuir com outras pesquisas que se voltam à inclusão da pessoa com deficiência e com a busca pela sua autonomia, sobretudo, do pleno desenvolvimento da pessoa, tendo como corpus uma experiência de alfabetização e letramento do aluno aqui denominado J.A., através do Letramento Literário. A mesma vem sendo desenvolvida no município de Camalaú, Paraíba, em uma sala de AEE localizada na Escola Municipal Francisco Chaves Ventura, deixando claro que aqui relatamos os resultados de 6 encontros com J.A., sendo que a pesquisa continuará ocorrendo no decorrer do ano letivo.

## **METODOLOGIA**

A presente pesquisa se caracteriza como qualitativa e analítica-intervencional, que ocorreu através da análise dos dados compartilhados por meio de fichas de identificação das dificuldades de aprendizagem do aluno preenchidas pelos docentes da turma regular na qual o mesmo está matriculado, sendo esta uma turma de 6º ano, e relacionando tais informações com o laudo clínico do mesmo. Tratamos de realizar um aprofundamento teórico acerca das especificidades da Síndrome de Williams-Beuren (SWB), visando contribuir para o estreitamento entre o nível de aprendizagem que o aluno J.A. se encontrava, no primeiro momento, e os níveis almejados pelas diretrizes curriculares para um aluno na mesma faixa etária escolar em termos do pleno domínio da técnica e do uso social da leitura e da escrita.

Tendo em vista que J.A. é aluno da sala de AEE, conduzida pelo pesquisador do presente trabalho, o mesmo possui um encontro semanal de 1 hora, sendo que, em vista do objetivo acima proposto, fez-se necessário o estabelecimento de mais um encontro de 1 hora destinado para atividades voltadas especificamente para os fins desta pesquisa, já que a principal finalidade da sala de AEE é o desenvolvimento da autonomia, integração e as múltiplas inteligências do aluno através de um conjunto de ações já destinadas para este fim.

Buscamos, então, informações fora do espaço de amostragem, através da aquisição de livros, realização de qualificação profissional em educação inclusiva, intercâmbio com outras turmas de AEE em outros municípios, além de ingressar em curso de pós-graduação em psicopedagogia, sempre apoiados pela Secretaria Municipal de Educação que abraçou boa parte das demandas relatadas e contribuiu com o custeio de alguns materiais e cursos.

Visando adentrar no contexto do aluno para melhor compreendê-lo e só assim, através de um estudo de caso, planejar a nossa intervenção, iniciamos o acompanhamento de J.A. na turma de AEE realizando no primeiro encontro uma apresentação da Sala de Recursos tanto para o aluno quanto para os responsáveis deste, nesta ocasião, representado pela mãe. Nessa mesma oportunidade, realizamos uma pequena entrevista com ambos os presentes, dos quais destacamos aqui alguns questionamentos: onde J.A. mora? Ele tem contato com outras crianças da idade dele? Do que ele mais gosta de brincar? Como é o comportamento dele em casa? E quanto aos estudos, tem alguém pra ajudar J.A. em casa? Alguém em casa tem o hábito de leitura? J.A. tem contatos com livros em casa? Em relação às disciplinas, qual é a que você acha que ele tem mais dificuldade?

Após o primeiro encontro, passamos a observar nas fichas apresentadas pelos professores da turma regular os aspectos mais relevantemente frisados referentes ao aluno, ao mesmo tempo em que fomos relacionando com os aspectos ressaltados na entrevista acima referida. O intuito desta fase da pesquisa foi definir qual prioridade a ser trabalhada pelo AEE. Após esta primeira análise, decidimos focar a nossa atenção sobre a dificuldade do pleno desenvolvimento da leitura e da escrita, amplamente ressaltadas tanto na entrevista quanto nas fichas apresentadas ao AEE.

Iniciamos então uma experiência de intervenção, a partir do segundo encontro, através do letramento literário, pautados nos postulados de Cosson (2006, p.30) quando afirma que, “é justamente para ir além da leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo”. Para isso, reservamos um dos nossos atendimentos semanais, exclusivamente, para a prática da alfabetização através do uso social da leitura e da escrita utilizando, de modo especial o cordel, por se tratar de um gênero muito difundido e apreciado na região onde a pesquisa está sendo realizada, fato que facilita o acesso as obras e, conseqüentemente, a familiaridade do aluno, como já fora anteriormente citado, pela musicalidade presente na poesia popular o que, possivelmente, possibilitaria uma assimilação mais rápida dadas as características acima apresentadas da própria síndrome.

Ao mesmo tempo, relacionamos o cordel com outros gêneros textuais e também com variadas técnicas de alfabetização já bastante difundidas no cotidiano escolar, a exemplo das atividades propostas pela Psicogênese da Língua Escrita, a qual influenciou de forma significativa uma geração de educadores e que, segundo os postulados de Ferreiro e Teberosk (1999), buscou mostrar que a aprendizagem da leitura e escrita “[...] inicia-se em múltiplos caminhos que antecedem o período escolar”.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

Partindo da premissa de que o aluno está em processo de alfabetização e detém grande interesse pelo tema dinossauro, socializamos com o mesmo um cordel digital intitulado por, “O Mundo Encantado dos Dinossauros em Cordel”. Buscamos com essa iniciativa motivar o interesse pela dinâmica das aulas que viriam a seguir e, ao mesmo tempo, serviu para dar início à análise de suas habilidades com a leitura e compreensão textual e de mundo.

Após a exibição do vídeo passamos a socializar algumas questões sobre o mesmo. Cada questionamento foi proferido e respondido oralmente, no entanto, os mesmos foram documentados em forma de fichas pelo pesquisador. Ainda neste segundo encontro, após os questionamentos acima referenciados, exibimos um vídeo educativo musicalizado sobre o reconhecimento das vogais, utilizando como ferramenta a internet, sempre tornando a realizar questionamentos referentes à aceitação e ao letramento literário.

Demos continuidade à estimulação propondo uma atividade xerocopiada pautada em duas palavras-chave (dinossauro e o segundo nome do aluno pelo qual ele é chamado) com o objetivo de verificar se J.A. após a exibição dos vídeos e a socialização, conseguiria relacionar as vogais presentes na palavra dinossauro com as do seu próprio nome. A atividade acima citada foi desenvolvida com questões de relação a exemplo de: Marque o x, relacione ligando e questões subjetivas sobre reconhecimento das palavras-chave.

Embora não seja uma premissa do AEE, passamos a enviar pela responsável do aluno, alguns livros infantis dos mais variados gêneros (contos, poesias, gibis) para que, durante a semana, a mesma reservasse todos os dias um período do seu tempo para ler com J.A. os referidos textos e para que os mesmos fossem socializados nos encontros subsequentes.

O terceiro encontro foi iniciado com a socialização de textos infantis. Após essa atividade, foi lido para o aluno o texto, “O Cordel da História do Vale dos Dinossauros”, do poeta Raimundo Nonato. Durante esta atividade focamos a nossa atenção, inicialmente, na relação que o aluno poderia fazer entre o cordel digital exibido no encontro anterior e o cordel acima citado. Em seguida realizamos o mesmo processo de perguntas do encontro anterior a respeito do texto.

Finalizamos este terceiro encontro pedindo ao aluno para que ele nos apontasse, na impressão do texto, as vogais do seu segundo nome e fosse falando em voz alta cada uma delas. Em seguida, pedimos para que J.A. apontasse as vogais presentes no texto que não faziam parte do seu nome, também oralizando as mesmas em voz alta. Propusemos,

novamente, à responsável que permanecesse com a rotina de leituras em casa e ainda que a mesma fosse estimulando o reconhecimento das vogais nos textos que fossem lidos.

No quarto encontro, passamos a observar se o conhecimento acerca das vogais havia sido assimilado, através do “alinhavos de vogais”, jogo disponibilizado na sala de recursos. Para esta ação, distribuimos as peças do jogo sobre o tapete da sala de recursos e pedimos para o aluno levantar a plaqueta de acordo com a cor dando o seguinte comando: “J.A. levanta pra mim a plaquinha em que as vogais estão desenhadas na cor azul”. O mesmo foi se repetindo para todas as demais plaquetas. Na medida em que o aluno erguia plaqueta pedíamos para ele dizer qual era a vogal grafada na mesma. Em seguida enviamos para casa um cordel de Zélia Gattai intitulado “Jonas e a Sereia” (2013) e uma história em quadrinhos de Maurício de Sousa, intitulada “Piteco em: Rastros do Futuro”, quadrinho no qual os fatos ocorrem na era dos dinossauros.

Durante o quinto encontro, iniciamos as atividades fazendo os questionamentos anteriormente citados sobre as duas histórias que o aluno havia levado para ler em casa com o auxílio da responsável pelo mesmo. Passamos então, a estimular o reconhecimento e a produção das primeiras sílabas a partir das letras do segundo nome do aluno e da palavra “dinossauro”. Para isso, utilizamos o Alfabeto Móvel Silábico disponível na sala de recursos, FNDE nº 58/2012. Montamos sobre a mesa o segundo nome do aluno com as peças do jogo. Em seguida perguntamos se o mesmo sabia que nome era aquele que estava posto. Prosseguimos pedindo para o aluno apontar as vogais do nome que estava formado na mesa e que o mesmo as retirasse da posição em que se encontravam e as distribuísse abaixo do nome.

Partimos então para a construção das primeiras sílabas unindo as peças que representavam as vogais, apontando as sílabas e pedindo para que o aluno lesse as mesmas a partir do seguinte comando: (Sílabas: OI) J.A., que vogal é esta? J.A., quando eu junto a vogal “O” mais a vogal “I” como é que eu leio? Prosseguimos o processo utilizando outras combinações. Encerramos as atividades deste encontro propondo a responsável que, desta vez, estimulasse a leitura em casa utilizando alguns dos livros disponíveis na própria residência.

No sexto encontro, prosseguimos com o processo de alfabetização através do reconhecimento e construção de sílabas simples utilizando, inicialmente, um vídeo da família silábica D disponível na internet. Optamos por esta sílaba por se tratar de uma das consoantes presentes no segundo nome do aluno e a consoante inicial da palavra “dinossauro”. Em seguida, utilizando o alfabeto móvel, selecionamos as vogais, deixando-as em uma mesma

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)

linha. Colocamos a consoante D entre outras consoantes e pedimos para o aluno identificá-la através do comando: “J.A. aponte pra gente a consoante D, por favor!”.

Continuamos utilizando o alfabeto móvel silábico, pedindo ao aluno que unisse a consoante D com a vogal I. Em seguida, fizemos a seguinte pergunta? “J.A., quando juntamos a consoante D com a vogal I como é que a gente lê?” Perguntamos novamente utilizando o comando: “D” mais “I”. Repetimos o mesmo processo para outras combinações de forma aleatória. Após a realização deste estímulo, pedimos ao aluno para que unisse a sílaba “DI” a vogal “A” a partir do comando: “J.A, junta pra mim a sílaba DI com a vogal A”. Logo em seguida perguntamos: “J.A., quando juntamos a sílaba “DI” com a vogal “A” como é que a gente lê?”. Repetimos o sentido da pergunta pra facilitar a assimilação utilizando o seguinte código: “DI + A?”. Continuamos o processo sempre variando as combinações ora entre sílaba + vogal, vogal + vogal, sílaba + sílaba.

Encerramos este encontro convidando a responsável a observar, através de gravação de vídeo, algumas das aulas de J.A. na sala de recursos, um pouco da dinâmica que trabalhamos e pedimos para que a mesma continuasse com os estímulos de leitura anteriormente elencados e atrelasse aos mesmos a identificação de palavras que tivessem em sua composição a consoante “D”. Solicitamos ainda que a mesma em sua residência, em uma folha, escrevesse algumas sílabas com as combinações destacadas tanto no último encontro como nos anteriores e pedisse para que J.A. as lesse utilizando os comandos que sugerimos até o presente momento da pesquisa.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Destacando que a presente pesquisa ainda está em andamento, sobre o aluno J.A., constatamos até o presente momento, que o mesmo é um adolescente de 13 anos, aluno do 6º ano do ensino fundamental, em processo de alfabetização, criado na zona rural com pais de origem humilde, mas extremamente dedicados às particularidades do filho e que não medem esforços para contribuírem com o desenvolvimento do mesmo, de modo especial a mãe. Percebemos também algo relevante em relação ao grande interesse que o referido aluno sente tanto por atividades voltadas a música e poesias, no estilo de cantorias, como também o relevante interesse pelo tema “dinossauros”.

Sobre características do funcionamento cognitivo da SW, de acordo com Carreiro (2013. P.13) dentre os efeitos cognitivos estão: “graus variados de deficiência intelectual (leve, moderado e grave), atrasos globais de desenvolvimento, dificuldades (ou) déficits em

habilidades de memória, dificuldade em reter na memória e em manipular informações em curto período de tempo”. Esta informação nos permitiu compreender que seria preciso retomar em vários momentos os estímulos desenvolvidos até que o conhecimento proposto para ser desenvolvido pudesse ser maturado pelo aluno.

Além disso, durante este processo inicial surgiram dois desafios a serem superados: o primeiro tratou-se da recente criação da turma de AEE no município no qual a pesquisa está sendo realizada (Abril de 2018), além da inexperiência do docente responsável pelas atividades desenvolvidas na sala de recursos em lidar com as particularidades da SWB. O segundo desafio foi a quase que total inexistência de referências bibliográficas sobre a síndrome na região onde a pesquisa está sendo desenvolvida, o que dificulta o embasamento teórico para profissionais e pesquisadores educacionais que precisam enveredar por esse tema. Tais fatos nos convence da extrema necessidade de ações públicas mais efetivas voltadas a qualificação dos profissionais em relação às particularidades da educação inclusiva, sobretudo, em relação ao “manejo” com cada especificidade que por ventura possam vir a surgir em uma sala de aula.

Finalmente, aprofundando-nos nas leituras e palestras sobre o tema, percebemos que o mundo da inclusão do deficiente intelectual é extremamente subjetivo, assim como tudo que está relacionado ao desenvolvimento do conhecimento, não existe uma via de mão única, uma receita pronta para o desenvolvimento do conhecimento, o que torna a pesquisa ainda mais desafiadora, haja vista que estamos tratando do desenvolvimento de um ser dotado de inteligência, com seu próprio universo intelectual, preenchido por influências e anseios próprios que devem ser levados em consideração.

Sobre a relevância das fichas de identificação de dificuldades preenchidas pelos docentes da sala regular assim como a entrevista com a responsável, ambas contribuíram para que pudessemos desenvolver a metodologia da maneira mais fiel possível às particularidades do aluno.

Voltando-se para os encontros, destacamos aqui que, até o segundo encontro, o aluno não identificava praticamente nenhum dos códigos gráficos do alfabeto da língua portuguesa com precisão, ressalvada a letra “A” em caixa alta, assim como, ainda não adquiriu o domínio gráfico da escrita, nem mesmo do próprio nome, dadas as condições mecânicas da síndrome que o acomete. Em relação ao reconhecimento gráfico e representação oral, a partir do segundo encontro, o aluno já passou a identificar praticamente todas as vogais e oralizá-las,

(83) 3322.3222



salientando que, ainda até o terceiro encontro o mesmo tinha uma tendência a confundir o código “E” com “O”, sobre qual não conseguimos identificar o motivo.

Em relação à utilização do cordel digital, durante toda a exibição, pudemos perceber que o olhar de J.A. se voltou inteiramente para o que estava sendo exibido, fato este, que atendeu às expectativas do professor-pesquisador, por se tratar de um tema que o aluno já demonstrava interesse, o que confirma o que está previsto nos PCN’s quando diz que “Para que os alunos não sejam receptores passivos, é necessário contextualizar essas programações, levando em consideração as necessidades, interesses e condições de aprendizagem dos alunos (1998, P.156)”. Do mesmo modo ocorreu com a Socialização do cordel impresso.

Sobre a utilização das fichas e dos jogos disponíveis na sala de recursos, tendo em vista as dificuldades motoras, as quais dificultam a produção manuscrita por parte do aluno, ambos possibilitaram uma maior interação entre a proposta de atividade, a assimilação e a verificação de aprendizagem acerca do conteúdo, além de uma maior interação entre “ensinante” e “aprendente”.

Em relação ao envio de livros para a prática de leitura em casa pela responsável pelo aluno, ficou claro que o fato do aluno passar a ter uma rotina de leitura, ainda que de curto período ao longo do dia, contribuiu para que o mesmo sofresse mais estímulos que serviram de apoio à assimilação do conhecimento acerca das vogais e as diferenciar entre os demais códigos, além de contribuir com o desenvolvimento do interesse pela leitura.

Constatamos ainda que, durante os encontros, o rendimento do aluno, sobretudo, para a assimilação do que era proposto, tende a regredir após vinte minutos ininterruptos de atividades, mesmo quando estas eram substituídas por outras que tivessem o mesmo objetivo, mas com dinâmicas diferentes. Tal fato se comprovou na medida em que ao final do encontro, o aluno era indagado com as mesmas questões do início e, em determinados momentos, parecia não apenas ter esquecido os conceitos como, também, não compreendia as perguntas.

Sobre isso, sugerimos a responsável do aluno que buscasse se inteirar com o profissional de saúde responsável pelo acompanhamento médico de J.A. e que as informações fossem compartilhadas com o professor da sala de AEE para que estas possam contribuir posteriormente com o andamento da metodologia que vem sendo desenvolvida com o aluno.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com Duarte e Macedo, (2013, p. 238) “Muito se discute que a educação das pessoas com deficiência, em grande parte, não ocorre de maneira satisfatória e, conseqüentemente, o aprendizado não se concretiza”. Ao deparar-se com a realidade da pessoa com deficiência em uma sala de aula, é fato que, ainda hoje, esta inserção segue acompanhada de incertezas, inconstâncias e de intolerância.

Respondendo a problemática inicial, ressaltando-se que a pesquisa ainda está em andamento, a partir da experiência vivenciada com o aluno J.A. nos seis (06) encontros realizados em nossa turma de AEE até o presente momento, percebemos o considerável avanço em relação ao estágio em que o aluno estava no início da pesquisa. Destacamos este avanço de maneira especial, com o domínio, por parte do aluno, das habilidades de leitura e escrita, representadas aqui pelo reconhecimento e oralização das vogais, do reconhecimento e da construção de sílabas simples, além da evolução do interesse pela leitura, de modo especial de textos literários, resultados que tornam esta pesquisa relevante aos olhos daqueles que se deparam com realidades semelhantes.

Mediar o processo pleno de desenvolvimento de uma pessoa nos coloca entre um paradoxo, a mudança e a estabilidade. Sobre isso, afirma Freire (1979) “enquanto a mudança implica, em si mesma, uma constante ruptura, ora lenta, ora brusca, da inércia, a estabilidade, encarna a tendência desta pela cristalização da criação”.

Ao nos depararmos com esta situação, na prática, em nosso cotidiano escolar, decidimos não ficar passivos diante da referida discussão, tendo em vista que, embora fatores desafiadores estejam presentes ao longo da própria existência, ainda mais no processo de desenvolvimento do conhecimento, optamos por buscar através da presente pesquisa responder aos anseios acerca das possíveis metodologias que podem vir a ser utilizadas durante o processo de alfabetização e letramento de um aluno deficiente.

Diante do exposto, esperamos ao final deste trabalho, compartilhar uma experiência didática, pautada nos conhecimentos prévios do aluno e acerca deste, do respeito as suas particularidades, afim de que, a partir destas informações, possam ser postas em práticas ações que contribuam com o pleno desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, assim como o seu uso social, pelo aluno J.A. Não buscamos, com isso, definir uma fórmula própria para o processo de alfabetização e letramento dentro de uma proposta inclusiva, dada a subjetividade presente em cada ser cognoscente, mas almejamos contribuir, através dos dados até aqui levantados que possam contribuir com outras pesquisas voltadas para o tema.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

[www.cintedi.com.br](http://www.cintedi.com.br)



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Francinilton. **O mundo dos dinossauros em cordel**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ae4gfpeOjuY>. Acesso em: 03 mai. 2018.

BATISTA, C. A. M.; MANTOAN, M. T. E. **Educação Inclusiva: Atendimento Educacional Especializado para a deficiência mental**. Brasília: MEC/SEESP, 2005.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF, 26 jul. 2000. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 18 mai. 2017.

CARREIRO, L. et al. **Manejo comportamental de crianças e adolescentes com Síndrome de Williams** [livro eletrônico] : guia para professores, pais e cuidadores. -- São Paulo: Memnon, 2013.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

DUARTE, M.; MACEDO; Et al. Avaliação de inteligência de pessoas com síndrome de Down por meio das escalas Wechsler para adultos e crianças. In: **Contribuições para a inclusão escolar de alunos com necessidades especiais** [livro eletrônico]: estudos interdisciplinares em educação e saúde no município de Barueri, SP / editores Maria Eloisa Famá D'Antino, Décio Brunoni, José Salomão Schwartzman. - - São Paulo : Memnon, 2013.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **PSICOGÊNSE DA LÍNGUA ESCRITA**. São Paulo: Artmed Editográfica, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12 ed. Paz e Terra, 1979.

GATTAI, Zélia. **Jonas e a Sereia**: Carolina Spacaferro conta histórias de espantar/Zélia Gattai; ilustrado por Flavio Morais. – 1º Ed. – São Paulo: Claro Enigma, 2013.

GRAZIANI, L. et al. **Avaliação da influência dos sintomas clínicos na qualidade de vida de indivíduos com Síndrome de Williams-Beuren**. Cad. Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 25, n. 1, p. 125-135, 2017.

MORAIS, Artur Gomes de Moraes. **Como Eu Ensino – Sistema de Escrita Alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.



NEWS, BBC. **Síndrome de Williams, o transtorno genético raro que torna as crianças extremamente extrovertidas.** Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/geral-39152964>. Acesso em: 15 jun. 2018.

NONATO, Raimundo. **Os Dinossauros.** Disponível em: <https://esperantivo.wordpress.com/2014/01/10/os-dinossauros/>. Acesso: 03 mai. 2018.

ROSSI, N. F.; MORETTI-FERREIRA, D.; GIACHETI, C. M. **Genética e linguagem na síndrome de Williams-Beuren: uma condição neuro-cognitiva peculiar.** Pró-Fono Revista de Atualização Científica, Barueri (SP), v. 18, n. 3, p.331-338, set.-dez. 2006.

SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações.** 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, Magda. **Letramento** – Um tema de três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUSA, Mauricio de. **NOTÍCIAS DO FUTURO: Piteco em Rastros do Futuro.** nº 9, jan. 2016. PANINI BRASIL LTDA. São Paulo. 2016.

VIDAL, N. et al. **Síndrome de Williams-Beuren: uma revisão da literatura** - Williams-Beuren syndrome: an updated review. *Pediatria Moderna* Out 10 V 48 N 10. © Copyright Moreira Jr. Editora. Todos os direitos reservados. Indexado LILACS LLXP: S0031-39202012005600006.